

CONHECIMENTO, O COMPROMISSO COM A REALIDADE

Ignácio Urbainski *

Resumo

O ser humano no seu relacionamento com a realidade que o cerca, estabelece uma relação denominada conhecimento. Dessa relação surge o compromisso de o homem ser fiel à realidade compreendida. A história da humanidade traz inúmeros personagens que na sua trajetória deixaram a marca da sua passagem e levaram o ser humano a um desenvolvimento sem precedentes. O conhecimento é um patrimônio da humanidade e, como tal deveria ser usufruído por todos os seres humanos; mas isso não se dá porque grupos de pessoas, aproveitando-se da sua posição social fazem do conhecimento, um meio de dominação e de exploração social.

PALAVRAS-CHAVE: conhecimento humano; desenvolvimento cultural; raciocínio.

Abstract

In the relationship with reality that surrounds them, human beings establish a relationship among themselves called knowledge. Man's commitment to be faithful to the understood reality sprouts from that relationship. The history of mankind brings countless characters that left the mark of their passage that took human beings to an unprecedented development. Knowledge is a patrimony of mankind and, as such, all human beings should dispose of it;

but that does not come into fruition because there are groups of people that take advantage of their social position and use it as a means of dominance of knowledge and of social exploration.

KEYWORDS: human knowledge; cultural development; reasoning.

Introdução

Sem dúvida, o conhecimento é um dos elementos básicos, para que o ser humano se relacione de forma adequada com a realidade que o cerca. É no conhecimento que o homem encontra o ponto de apoio para o desenvolvimento de sua consciência; é, na realidade conhecida, que a inteligência humana encontra um meio para desenvolver a própria liberdade, consciência e liberdade que levam o ser humano a assumir a responsabilidade no seu agir. Responsabilidade que antes de mais nada consiste em assumir um compromisso com o objeto do seu conhecimento.

É justamente nesse compromisso que se estabelece o equilíbrio entre os seres existentes.

Enquanto os animais são determinados pela natureza através do instinto, o ser humano é dono dos próprios atos, mas não é dono da realidade, pois tem que aceitá-la como ela é. Aceitar a realidade não quer dizer que deva ser submisso, mas sim que deve respeitá-la e através de sua ação, transformá-la

* Docente da Unipar. Mestre em Filosofia.

e adaptá-la às suas necessidades.

O respeito para com a natureza exige do ser humano uma postura de não agressão, de não destruição, mas de conservação. Desse respeito, nasce o compromisso da representação fiel da realidade. A fidelidade ao real, ao existente, ao estabelecido, deve ser o compromisso assumido pela razão humana perante o mundo real.

A imagem mental da realidade não é apenas uma representação como uma fotografia representa uma paisagem; mas deve ser uma imagem viva, capaz de aumentar, à medida que for mais fiel ao objeto representado.

O sábio é aquele que está sempre de prontidão para a busca incessante da verdade. Não que a verdade não seja o objetivo da filosofia, mas no sentido de que a filosofia não admite dogmas, e mesmo de posse da verdade, aceita a possibilidade de estar errada. Entre os motivos que ocasionaram o presente trabalho estão os seguintes: - ter uma noção bem clara do conhecimento é o ponto de partida para a compreensão da realidade. A compreensão da realidade é primordial para a subsistência do ser humano, uma vez que é da natureza que ele tira os meios para se manter vivo.

Além disso, o homem precisa do conhecimento para se desenvolver e poder integrar-se na sociedade, o que conseguirá por meio do saber adquirido.

Na era da globalização não basta o indivíduo estar bem informado; é necessário também que esteja consciente do correto uso das informações, uma vez que a ética no saber e a ética no agir são dois aspectos da vida cada vez mais solicitado pela sociedade.

Conhecimento: relação sujeito/objeto.

O ato de conhecer estabelece uma relação entre o sujeito do conhecimento (ser humano) e o seu objeto (realidade).

O sujeito é sempre o ser humano, dotado de inteligência pela qual é capaz de compreender o seu objeto. Compreender o objeto significa que o homem, usando da inteligência, é capaz de entender o significado do objeto, isto é, é capaz de entender a finalidade do objeto ou para que o objeto serve.

O objeto do conhecimento é a realidade que abrange o existente e o estabelecido.

A condição para que a realidade seja objeto do conhecimento é que esteja perante o sujeito. “Estar perante” significa estar ao alcance.

Exemplos de o objeto “estar perante” o sujeito:

-Alunos visitando uma usina para ver como se extrai o álcool.

-Estudantes fazendo pesquisa na biblioteca.

-Uma classe atenta à explicação dada pelo professor.

-Pessoas assistindo a um filme etc.

Todo relacionamento humano estabelece um compromisso do sujeito para com o objeto. No conhecimento, esse compromisso se concretiza através da fidelidade que a imagem mental deve transmitir do objeto. Quanto mais fiel for a imagem mental, tanto mais perfeito será o conhecimento. Isto quer dizer que o conhecimento, para ser coerente e adequado deve ter como característica principal o compromisso de fidelidade do sujeito ao seu objeto que é a realidade.

Dissemos que o conhecimento se concretiza através da imagem mental que é formada pela inteligência do ser humano. De fato, para a formação da imagem mental, o ser humano coloca em funcionamento três elementos de que ele dispõe na sua parte física e psíquica. Em primeiro lugar, o sujeito do conhecimento capta a imagem sensível do objeto conhecido por meio dos sentidos; em seguida, a imagem sensível é enviada até o cérebro através do sistema nervoso. No cérebro, sede da nossa inteligência, esta faz a abstração das características concretas da imagem sensível. Após a abstração da imagem sensível, fica, na inteligência da pessoa, apenas a idéia do objeto conhecido, baseada na sua utilidade.

A imagem mental foi estudada por Aristóteles no século IV A.C. e constitui um dos pontos básicos do 1º tratado de filosofia denominado “a lógica formal de Aristóteles”. Com o correr do tempo, essas idéias foram-se aperfeiçoando à medida que a psicologia da aprendizagem foi-se desenvolvendo.

Tipos de conhecimento

A forma de o ser humano chegar até o objeto do seu conhecimento é que determina os tipos de conhecimento que temos.

Levando em consideração esse participar, temos três tipos de conhecimento:

- Conhecimento sensível. Tem nos sentidos o meio de captar a imagem do objeto. A imagem sensível ou sensorial é levada através do sistema nervoso até o intelecto que faz a abstração das características concretas formando a imagem mental. Esse conhecimento é o mais simples e é comum a todos os animais.

- Conhecimento intelectual ou lógico: é o conhecimento formado pela inteligência do sujeito conhecedor e consiste na compreensão do objeto e na formação da sua imagem mental. É o conhecimento próprio do ser humano.

- Conhecimento de fé é o conhecimento formado pela aceitação de uma verdade baseada numa determinada crença e na autoridade de quem a revela.

O conhecimento sensível não é propriamente um conhecimento, porque consiste apenas numa impressão.

O conhecimento intelectual é realmente um conhecimento, porque está baseado na compreensão do objeto.

E o conhecimento de fé não exige a compreensão do objeto, porque ultrapassa a nossa capacidade de entender, exige apenas a aceitação da verdade através da fé.

Formas e tipos de raciocínio

No correr da História e atendendo às suas necessidades, o ser humano foi desenvolvendo práticas adequadas para o controle da natureza a fim de obter dela a sua subsistência.

Sem dúvida, uma das primeiras práticas a serem desenvolvidas foi a linguagem para atender à necessidade de se comunicar. O homem primitivo, que se comunicava por gestos e gritos, aos poucos foi criando símbolos. A esses símbolos foi associando sons. Os sons agrupados formaram sílabas, e estas foram unidas para dar origem às palavras que designam conceitos, isto é, o significado das coisas.

As palavras dispostas adequadamente dão origem às sentenças ou frases emitindo um juízo, isto é, um parecer.

Com o fim do mito e a utilização da razão para explicar os fenômenos naturais, o homem organizou a forma da expressão do raciocínio.

Temos três formas de o raciocínio se manifestar: A forma lógica, a forma dialética e a forma analógica, dependendo da maneira como se forma o raciocínio; através da razão, raciocínio lógico ou através dos fatos, raciocínio dialético, ou através da comparação, raciocínio analógico.

São conhecidos dois tipos de raciocínio lógico: o raciocínio dedutivo, também chamado silogismo, é constituído de duas premissas (proposições que precedem a conclusão) e uma conclusão baseada nas duas premissas (proposições anteriores).

No raciocínio dedutivo, a primeira premissa deve ser necessariamente uma proposição universal ou geral. É também chamada premissa maior.

Proposição geral ou universal é uma frase que abrange todas as partes de um todo.

A segunda premissa deve ser uma proposição particular. Proposição particular é uma frase que abrange uma ou várias partes de um todo. É também chamada, premissa menor.

A conclusão deve ser necessariamente uma proposição particular.

Exemplo de raciocínio dedutivo ou silogismo:

Todo ser humano é mortal.

Ora, José é um ser humano.

Logo, José é mortal.

Neste exemplo, vemos que: Todo ser humano é mortal; é a primeira premissa ou premissa maior. É uma proposição universal, porque se refere a todos os seres humanos.

Ora, José é um ser humano, é a segunda premissa ou premissa menor. É uma proposição particular, porque se refere a apenas um ser humano.

A conclusão é expressa pela proposição particular: Logo, José é mortal.

No raciocínio indutivo, a premissa maior é composta de uma ou várias proposições particulares. Exemplo: o ouro é um bom condutor de eletricidade. A prata é um bom condutor de eletricidade: o ferro é um bom condutor de eletricidade; o bronze é um

bom condutor de eletricidade.

A premissa menor também é uma proposição particular. Ex. Ora, o ouro, a prata, o ferro e o bronze, são metais. Já a conclusão é expressa por uma proposição universal. Ex. Logo, os metais são bons condutores de eletricidade.

Validade e veracidade do raciocínio lógico

A questão da validade do raciocínio lógico se refere à forma do raciocínio, isto é, um raciocínio é correto, se for bem elaborado. Ao passo que um raciocínio é verdadeiro ou falso, se o seu conteúdo for verdadeiro ou falso. Portanto, um raciocínio só é verdadeiro, quando a sua mensagem for verdadeira.

Quanto ao raciocínio indutivo, temos a considerar o seguinte: as duas premissas são proposições particulares e, sendo particulares, não têm poder racional suficiente para sustentar uma conclusão expressa por uma proposição universal. Para isso é necessário que o conteúdo apresentado nas premissas expressas por proposições particulares seja comprovado pela observação ou por experiências realizadas em laboratório.

Fazendo uma avaliação dos dois tipos de raciocínio lógico aqui vistos, podemos concluir: O raciocínio dedutivo é mais importante, pois é necessário. No raciocínio dedutivo, premissas verdadeiras levam necessariamente a uma conclusão verdadeira e vice-versa. Já no raciocínio indutivo, a veracidade da conclusão depende da comprovação da veracidade das premissas, através da observação ou experimentação. É o mais útil, porque é o raciocínio utilizado na ciência.

Conhecimento e sua dimensão

A capacidade do homem em compreender a realidade apresenta vários tipos de limitações, todos eles provenientes da própria limitação do ser humano como uma realidade imperfeita, aberta e inacabada.

Os sentidos, que são a porta de entrada das nossas sensações, muitas vezes nos enganam, influenciados que são, por inúmeros fatores, desde a influência do clima às doenças mais graves.

O próprio ser humano está longe de ter um

equilíbrio capaz de escolher sempre o bem. Muitas vezes escolhe o mal, movido por interesses nem sempre confessáveis.

Outras vezes, somos levados a escolher mal, porque nos é apresentada uma realidade completamente desvirtuada, principalmente através dos meios de comunicação impelidos pela indústria da propaganda.

Por essas razões é que René Descartes, filósofo francês, chegou a duvidar da capacidade do homem chegar até a verdade.

O conhecimento é objetivo e não subjetivo, pois a realidade existe independente de nós, o que é subjetivo é a forma e o estilo de expressar o conhecimento.

O conhecimento, sendo a apreensão da realidade, expressa um objeto que existe fora de nós, isto é, é uma relação objetiva, por expressar um objeto real.

Cada um tem uma maneira própria de se expressar; por isso é que a forma e o estilo na expressão do conhecimento são subjetivos.

O Conhecimento e seus desvios.

Vimos que o conhecimento em si é objetivo por expressar uma realidade existente independente de nós; ou, em outras palavras: o conhecimento em si é objetivo. A sua objetividade poderá ser afetada pela maior ou menor fidelidade que houver na sua relação com a realidade.

Já na sua manifestação, o conhecimento poderá ser afetado por desvios que são capazes de persuadir pelo seu efeito psicológico e não pela sua correção lógica – a esses desvios chamamos de falácias ou sofismas. Portanto, falácias ou sofismas são armadilhas psicológicas para induzir o receptor a aceitar uma mensagem desvirtuada, favorecendo o emissor.

Inúmeras são as formas de o emissor induzir o receptor. Vamos aqui explicar as mais utilizadas no dia a dia das relações humanas:

- Apelo à autoridade: consiste na utilização de um ídolo para que, através da ascendência que possui perante um grupo, induza esse grupo à aquisição de um determinado produto ou aceitação

de uma idéia.

Exemplo: Na televisão, Pelé aparece dizendo: “Tome Vitassay, a vitamina dos campeões da saúde”. Pelo que sabemos, Pelé é considerado o atleta do século e nada tem a ver com a Medicina ou com a Bioquímica.

- **Equívoco:** Consiste na utilização de palavras com vários significados, isto é, com significados diferentes, como: homem, liberdade, agir, banco, etc.

Exemplo: O dono de um banco é uma pessoa rica. Ora, o mendigo da praça Arthur Thomas possui um banco. Logo, o mendigo da praça Arthur Thomas é uma pessoa rica.

Neste exemplo, a palavra banco é utilizada com duplo sentido; na premissa maior, banco significa uma instituição comercial. Na premissa menor, significa móvel colocado na praça.

- **Anfibologia:** Consiste na utilização de frases com significado ambíguo, isto é, duvidoso, que nos podem levar a uma interpretação falsa.

Exemplo: veja esta frase: Um fazendeiro tinha um bezerro e a mãe do fazendeiro era também o pai do bezerro.

Para que esta frase tenha significado correto é necessário que a vírgula seja colocada depois da palavra mãe, ficando desta forma: Um fazendeiro tinha um bezerro e a mãe, do fazendeiro era também o pai do bezerro.

- **A falácia da generalização apressada:** Esse tipo de sofisma aparece quando somos levados a tirar conclusões após o exame de um ou de poucos casos.

Exemplo: Todo aluno da Unipar (Universidade Paranaense) é de Umuarama. Ora, Edinei é aluno da Unipar. Logo, Edinei é de Umuarama.

- **Sofisma da causa comum:** este sofisma aparece quando se constata que tanto a causa como os efeitos apresentados têm uma causa comum que

os gera.

Exemplo: Nesta frase que se ouve muito por aí: “O ensino vai mal, porque os professores estão despreparados”, tanto o despreparo dos professores como o ensino deficiente são resultados de uma política educacional falha.

- **Círculo Vicioso:** é a falácia baseada numa argumentação em que tanto o ponto de partida como a conclusão são improváveis, isto é, não comprovados.

Exemplo: Aqui vai bem citar como exemplo a argumentação apresentada por certo ministro da fazenda, para justificar as medidas de controle salarial: “A inflação corrói o poder de compra dos salários. Temos, então, que aumentar os salários; mas, aumentando os salários, temos que aumentar os preços para pagá-los, o que aumentará a inflação”.

Ora, alguém já provou que a inflação tem como causa o aumento dos salários e vice versa?

- **Petição de princípio:** este desvio se dá quando colocamos como certo, algo que é duvidoso e por isso mesmo deveria ser demonstrado.

Exemplo: “Você nunca vai ser feliz. Felicidade não existe”. Alguém já demonstrou a inexistência da felicidade?

Conclusão

O mundo, o ser humano e o conhecimento. Desses três elementos constitutivos de uma realidade que evolui e que se inter-relaciona, sem dúvida, o ser humano, visto como ser existente, é o mais frágil, pois traz consigo a necessidade dos demais. Necessita da natureza para poder subsistir e a influência por meio do trabalho transformando-a, e adaptando-a às suas necessidades.

Necessita do mundo como uma realidade humana, pois tem necessidade da sociedade para se desenvolver e para progredir.

Precisa do conhecimento para poder ter, dentro de si, a realidade; e assim poder transformá-la adaptando-a às suas múltiplas exigências. Não é

sem razão que o ser humano já foi definido como um “feixe de necessidades”.

Mas, apesar de ser o mais necessitado entre os seres, o homem se sobrepõe aos demais pela sua racionalidade e pela sua capacidade de conhecer.

É neste particular que o homem, usando o seu poder racional e o seu poder de captar a realidade, criou para si a sociedade, para atender à sua necessidade de desenvolvimento.

O passado nos está a atestar a marca indelével da passagem do homem através dos tempos. Uma plêiade inumerável de filósofos, artistas, políticos, sociólogos estadistas e outras mais nos garantem que o passado nos impele para um futuro cada vez mais promissor.

Este é o lado bom da atuação do ser humano através dos tempos na história da humanidade.

Mas existe o outro lado; o fato de que o homem muitas vezes se aproveitar das grandes conquistas que a ciência nos vem proporcionando através dos séculos, para dissimular a realidade em proveito próprio.

Já vimos a falácia, que é a dissimulação introduzida naquela que talvez seja a maior conquista da humanidade, a linguagem.

Os meios de comunicação, através da propaganda, aproveitando-se da pré-disposição do receptor, vão induzindo as pessoas a aceitarem as idéias transmitidas, baseadas não na sua correção lógica, mas no seu efeito psicológico.

Personalidades principalmente do mundo artístico e esportivo vendem a ascendência que possuem sobre a população, para que esta aceite determinados produtos, nem sempre benéficos, para proveito e interesse de pequenos grupos.

A globalização proposta como união dos povos para o combate dos males comuns a todos, sem dúvida, não deixa de ser um objetivo colimado por todos, mas traz em seu bojo grandes males, como a dominação dos mais humildes pelos mais poderosos e a exploração dos mais fracos pelos mais fortes.

O sistema, tão propalado nos dias de hoje, que consiste no conjunto de meios que a informática nos proporciona no combate ao roubo e ao banditismo, não deixa de ser um bem desejado por

todos; mas, muitas vezes, é usado para dissimular a covardia e alijar a consciência da responsabilidade de ter tomado uma decisão menos correta. Daí nós ouvirmos muitas vezes a desculpa: “sinto muito, nada posso fazer, já está no sistema”.

A informática é um meio e não um fim, e como tal, deve ser controlada pelo ser humano que é racional.

Todas as vezes que adulteramos o nosso relacionamento com a realidade, estamos provocando uma crise, porque estamos colocando o interesse particular acima do interesse coletivo. Neste caso estamos assumindo uma atitude individualista, atitude que é nociva ao convívio entre seres humanos.

O conhecimento é patrimônio da humanidade, isto é, não pertence a este ou aquele, mas é de todos. E como propriedade da sociedade, todos deveriam ter acesso aos benefícios que nos traz. Infelizmente a realidade é bem diferente.

Uma minoria se aproveita de condições mais favoráveis, para utilizar o conhecimento em proveito próprio, fazendo com que a maioria permaneça na ignorância; e a ignorância é, sem dúvida, o maior dos males sociais, porque afeta o ser humano naquilo que lhe é essencial: a sua racionalidade.

Bibliografia

ARANHA, Maria Lucia de Arruda e MARTINS, Maria Helena Pires. **Temas de filosofia**. São Paulo: Moderna, 1998.

BUZZI, Arcangelo. **Introdução ao pensar**. Petrópolis: Vozes, 1992.

CORDI, Cassiano et al. **Para filosofar**. São Paulo: Scipione, 1995.

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da filosofia**. 8. ed. São Paulo: Saraiva, 1993.

LEÃO, E. Carneiro. **Aprendendo a pensar**. Petrópolis: Vozes, 1990.

ROTHS, Louis E. e outros. **Ensinar a pensar**. São Paulo: E. P. U., 1993.